

**RESUMO EXPANDIDO**

**Área Temática: Economia Feminista**

**MULHERES ECONOMISTAS: UMA ANÁLISE DE GÊNERO NAS ACADEMIAS**

Cibele Guedes Santiago Rosa\*

Cristiane Márcia dos Santos\*\*

**Resumo:**

O curso de economia ainda é um campo masculinizado e as razões para a baixa participação das mulheres nesse âmbito fazem parte de estudos incipientes e pouco investigados, principalmente no Brasil. O presente trabalho tem o objetivo de analisar como as relações de gênero podem influenciar a carreira acadêmica superior de professoras do curso de Economia que lecionam em nove instituições de Minas Gerais. As entrevistas estruturadas foram usadas como recurso metodológico qualitativo para verificar desde a escolha do curso até o desenvolver da carreira acadêmica das docentes. Os resultados revelaram a existência de barreiras de gênero caracterizadas pela imagem masculina do economista e pela pouca credibilidade dada as mulheres no campo.

**Palavras-chave:** Mulheres, Economistas, Carreira, Desigualdade; Docência.

## **1 INTRODUÇÃO**

A participação feminina na carreira de economista ainda é sub-representada tanto no número de graduandas do curso de Ciências Econômicas, quanto na quantidade de docentes que lecionam nas universidades. Um estudo realizado pelo grupo EconomistAs – *Brazilian Women in Economics*, mostrou que o percentual de professoras nas academias é menor e representa apenas 27,5% do total de docentes. Além disso, apenas 26,6% dos professores permanentes são mulheres. Vale ressaltar que esse número decresce conforme são consideradas posições mais elevadas da carreira acadêmica, mulheres são 32,4% dos professores assistentes, ao passo que, representam somente 15,2% dos professores titulares (ECONOMISTAS – BRAZILIAN WOMEN IN ECONOMICS, 2020).

Tal fato ratifica o que é dito por uma literatura ainda incipiente, a qual mostra que as mulheres têm mais dificuldade em progredir na carreira acadêmica em Economia, um fenômeno conhecido como *leaky pipeline*. Desse modo, o presente trabalho tem o objetivo de analisar como as

---

\* Cibele Guedes Santiago Rosa. Mestranda em Economia. Universidade Federal de Viçosa. cibelesantiagor@gmail.com.

\*\* Cristiane Márcia dos Santos. Doutora em Economia. Professora na Universidade Federal de Ouro Preto. cristiane@ufop.edu.br.

relações de gênero podem influenciar a carreira acadêmica superior de professoras do curso de Economia.

## 2 MÉTODO

Para o presente trabalho, optou-se por utilizar como recurso metodológico as entrevistas, realizadas com professoras do curso de Economia que lecionam em centros de graduação e pós-graduação localizados em Minas Gerais. Tal Estado foi escolhido por ter a segunda maior concentração de academias com pós-graduação em Economia no país, o que representa no total nove instituições. Na Tabela 1 estão expostas as instituições e quantidade de entrevistadas em cada centro.

Tabela 1 – Total de participantes de cada centro

<b>Centro</b>	<b>Total de docentes mulheres e Economistas</b>	<b>Total de entrevistadas</b>
UFJF	11	4
UFMG	11	6
UFOP	5	4
UFSJ	4	4
UFU	11	4
UFV	5	4
UFV (Rural)	5	1
UNIFAL	6	3
UNIMONTES	6	1

Elaboração própria.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 A trajetória das mulheres na carreira docente em Economia e os obstáculos encontrados no meio acadêmico

De acordo com as respostas das entrevistadas foi possível perceber que o curso de Economia ainda conta com uma baixa participação feminina em todos os estágios da carreira acadêmica. As 31 docentes relataram que desde a graduação já era possível notar diferença no número de estudantes homens em comparação com as estudantes mulheres. Algumas professoras disseram que a quantidade de discentes do sexo feminino e masculino não era muito discrepante em algum nível de ensino, seja graduação, mestrado ou doutorado, porém, as mulheres nunca foram maioria em nenhum dos casos.

Quando questionados os motivos para terem ingressado na carreira acadêmica, as respostas se dividiram basicamente em duas, uma parte das professoras responderam que desde que decidiram cursar Economia, já sabiam que queriam lecionar ou foram influenciadas por seus professores a seguir o mesmo caminho. A outra parte contou que, na época na qual formaram, não haviam muitas

oportunidades de emprego na área, principalmente para mulheres, pois já existia um estereótipo de gênero condicionado a profissão. Por isso, decidiram estudar por mais um tempo e durante a formação, começaram a criar aptidão pela área.

“Por fazer a graduação em uma universidade menor e do interior, as oportunidades de estagiar em uma empresa na área eram mais restritas. Sempre fui muito objetiva no sentido de querer, de fato, ter uma carreira de sucesso e vi na universidade essa chance. Embora fosse o caminho mais difícil, porque eu teria que estudar muito mais anos, era também o mais certo para atingir esse objetivo, tanto pela falta de oportunidades, quanto por uma questão de gênero. Vislumbrei na academia uma possibilidade de estar mais protegida de uma concorrência com homens e pessoas de cidades maiores, que já fizeram vários estágios em grandes empresas.” (JOANA)

“Sempre me inspirei nos meus professores. O respeito que tinha por eles e o fato de eu gostar de estudar foram fundamentais para optar por fazer mestrado. Eu não estava completamente decidida a ser professora, mas ao longo do curso comecei a gostar muito do que eu estudava e das experiências com os professores, a partir disso, decidi que queria seguir carreira acadêmica.” (KARINE)

Com relação as experiências vivenciadas na academia como professoras do curso de Economia, algumas entrevistadas contaram situações específicas relacionadas a questões de gênero, como discriminação e questionamentos implícitos e explícitos a respeito da competência feminina. Apesar da maior parte das professoras terem relatado situações discriminatórias experimentadas por elas, Jussara, Aline e Marta disseram não perceber implicações de gênero na progressão da carreira acadêmica e que tanto homens quanto mulheres têm oportunidades iguais de ascenderem ou se destacarem.

Vale ressaltar que, em alguns casos, pode acontecer das relações de gênero na carreira acadêmica parecerem invisíveis para algumas docentes. Os estudos feitos por Maffía (2002), na Rede Argentina de Gênero, Ciência e Tecnologia, demonstraram que as mulheres as quais conseguiram se sobressair na ciência negaram a existência de barreiras de gênero ou, por terem sido tão sutis, as discriminações sofridas talvez passaram despercebidas pelas docentes. Tal fato pode ter acontecido com as professoras Jussara, Aline e Marta, que desconhecaram qualquer situação de discriminação de gênero no magistério superior em Economia e afirmaram que foram bem recebidas quando iniciaram a carreira. Conforme relatou Jussara:

“Fui muito bem recepcionada pelos meus colegas, boa parte deles já havia me dado aula durante a graduação ou mestrado. Com os alunos eu também nunca tive problema, sempre fui muito respeitada. Essa questão de ser mulher ou não, nunca afetou minha carreira como professora.” (JUSSARA)

Em contrapartida, algumas docentes afirmaram que mulheres e homens não têm as mesmas oportunidades de ascensão na carreira, visto que as funções atribuídas às mulheres, principalmente no âmbito privado, demandam tempo e dedicação, em especial porque algumas delas, além de

docentes, são mães, o que dificulta a ascensão vertical e, por conseguinte, a chegada aos cargos de maior prestígio.

A carreira acadêmica na Economia ainda é predominantemente masculina. Então, em termos relativos, as mulheres são uma proporção muito menor. Mas, já comparando questões de competição, de igual pra igual, acredito que não alcançamos as mesmas posições, justamente por existir essa penalidade materna, a mulher acaba fazendo mais coisas. Por ficarem responsáveis em mais atividades, as docentes não conseguem centrar tanto quanto o homem na carreira. Acredito que ainda exista um viés. (JOANA)

Ademais, foi possível identificar que as mulheres enfrentam dificuldades adicionais no ambiente acadêmico, que é significativamente competitivo. Como foi relatado, as docentes são vítimas da desconfiança de suas capacidades e habilidades. Os homens, ao contrário, não precisam ratificar sua competência, porque se autodeterminam e são considerados aptos para os cargos que assumem.

Desse modo, percebe-se que as professoras têm necessidade de ter características masculinas para se sobressair na profissão e serem mais respeitadas como autoridades na sala de aula. Por isso, as elas podem reforçar, inconscientemente, as qualidades socialmente atribuídas aos homens, como seriedade, dureza e discricção, de forma a negligenciar e/ou negar as qualidades socialmente relacionadas às mulheres, como escuta ativa e sensibilidade, por exemplo. É estabelecido, portanto, um estereótipo para docente no curso de Economia, que tende a ter atribuições tidas como masculinas.

Por fim, é pertinente propor uma reflexão sobre as consequências da maior participação feminina na carreira docente em Economia, as quais, além de colaborarem positivamente com o ensino, trazerem diversidade e contribuem para a desconstrução da imagem de dureza na cultura do curso de Economia. Além disso, é importante romper com o estereótipo para que mais mulheres se interessem pelo campo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ainda que, do ponto de vista legal, a academia se configure em um espaço laboral de oportunidades iguais, onde o ingresso e a ascensão são etapas que não contam com distinção por sexo, ratifica-se a tese de que a carreira docente das mulheres economistas é dificultada pela socialização de gênero, que desvaloriza as mulheres e naturaliza as desigualdades pautadas nas diferenças sexuais e contribui para a perpetuação da sub-representação e subvalorização feminina no campo. Por isso, o caminho percorrido desde a escolha do curso até a opção pela docência no magistério superior em Economia passa por inúmeros obstáculos e renúncias.

De certo, as mulheres precisam superar a segregação vertical e, posteriormente, o cano de vazamento (*leaky pipeline*) que as deixa escoar à medida que os cargos ficam mais altos e importantes. Além disso, as dificuldades enfrentadas por elas na Economia não se limitam à escolha do curso, é necessário superar barreiras associadas ao estereótipo de gênero, preconceitos, discriminações e sexismo.

Assim, para que esse cenário seja revertido e mais mulheres consigam ingressar na profissão sem que precisem enfrentar essas dificuldades, faz-se necessário viabilizar a representatividade de professoras do curso de economia que conseguiram progredir na carreira, e sempre que possível, advertir e denunciar práticas sexistas que ocorrem com frequência no dia a dia acadêmico e muitas vezes passam despercebidas por já terem sido naturalizadas.

## **REFERÊNCIAS**

ECONOMISTAS – BRAZILIAN WOMEN IN ECONOMICS (2020) **As mulheres nos diferentes estágios da carreira acadêmica em Economia no Brasil**. Relatório 2019.

MAFFÍA, Diana. Crítica feminista à ciência. **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: **REDOR/NEIM-FFCH/UFBA**, p. 25-38, 2002.